



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## **EUTANÁSIA DE ANIMAIS DE COMPANHIA EM DESASTRES CLIMÁTICOS: ENCHENTES DE 2024 NO RS**

M.<sup>a</sup> Tarinê Cortina Poeta Castilho da Silva<sup>1</sup>; Dr. Rodolfo Bezerra de Menezes Lobato da Costa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPR, tarine.advocacia@gmail.com

<sup>2</sup> UFPR, rodolfolobato@ufpr.br

### **GT 05 – Aspectos críticos, oportunidades e desafios para o enfrentamento da crise climática**

#### **RESUMO**

O artigo investiga as controvérsias relacionadas à eutanásia de animais não humanos em contextos de crise climática, tomando como estudo de caso as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul. A pesquisa, baseada na prospecção de campo em abrigos e áreas afetadas, analisa como decisões em contextos de eventos climáticos extremos refletem posições de interespecies. A ausência de protocolos claros, aliada à precariedade de recursos e à alta densidade de animais resgatados, evidencia os desafios éticos e jurídicos enfrentados em situações de emergenciais. O estudo busca contribuir para o debate sobre a crise climática, propondo uma análise crítica do aparente voluntarismo das escolhas que orientam as respostas individuais e institucionais.

**Palavras-chave:** eutanásia, crise climática, enchentes, animais não humanos

#### **Destaques (highlights)**

- Dilemas em crises climáticas refletem as situações entre humanos e animais não humanos;
- A ausência de protocolos agrava dilemas éticos em desastres ambientais;
- Prospecção de campo revela desafios no manejo ético de animais em vulnerabilidades;
- Eutanásia em animais de companhia em meio a desastres climáticos.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de uma prospecção de campo realizada após as enchentes ocorridas em Porto Alegre, RS, onde um grupo de pesquisadores do Observatório de Conflitos Socioambientais da UFPR esteve, em meados de novembro de 2024, na referida cidade para observar e entender aspectos práticos essenciais para embasamentos teóricos posteriores. Ao se integrar a cidade e aqueles mais afetados, de forma específica para presente pesquisa, a questão animal, encontrou-se um cenário marcado pela precariedade de recursos, pela alta densidade de animais resgatados e pela ausência de protocolos claros, as enchentes de 2024 tornaram-se um campo fértil para a análise das situações políticas e das escolhas que orientam as respostas humanas diante da vulnerabilidade extrema.

Dentre os consideráveis apontamentos possíveis sobre a questão animal nas enchentes, este artigo discute o dilema da eutanásia em animais domésticos de companhia, popularmente conhecidos como pets. A decisão de “tirar” uma vida, como no caso da eutanásia, envolve intensos conflitos éticos, técnicos e emocionais. Durante as enchentes no Rio Grande do Sul, a eutanásia de animais com doenças contagiosas tornou-se um dilema que enfrentava a ponderação de fatores como o risco de transmissão de doenças, a escassez de recursos para tratamento e o impacto sobre a saúde coletiva. Essas decisões, tomadas em cenários de vulnerabilidade extrema, como abrigos temporários, foram ainda mais desafiadoras devido à precariedade de infraestrutura e à alta densidade de animais resgatados.

Keith (1988) explora a relação entre interespecie, da humanidade com inúmeros animais não humanos, ao longo da história, destacando como esses animais foram integrados na sociedade de diferentes maneiras, de como diferentes culturas e períodos históricos influenciaram a percepção e o tratamento dos animais.

As percepções culturais sobre animais ainda influenciam significativamente as políticas e práticas de proteção animal hoje. A categorização dos animais não humanos domésticos, subdivididos em de companhia e rural, e silvestres, que são os não domesticados, reflete os desafios específicos que cada grupo enfrenta devido às mudanças climáticas. Essa categorização reflete a diversidade de situações enfrentadas pelos animais e a necessidade de abordagens diferenciadas para sua proteção.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Tendo em vista que, em primeiro momento o dilema da eutanásia recaiu exclusivamente sobre os animais de companhia, a presente pesquisa não irá abordar as intersecções relacionadas as outras categorias de animais não humanos.

Diante de situações de emergência, como as enchentes no Rio Grande do Sul, o debate sobre a eutanásia de animais de companhia com doenças contagiosas surge como um desafio ético e prático. A necessidade de equilibrar a proteção da saúde coletiva, a escassez de recursos para tratamento e a preservação da vida individual coloca em evidência diferentes perspectivas e prioridades. Em contextos de vulnerabilidade extrema, como abrigos temporários, essas decisões tornam-se ainda mais complexas, exigindo a ponderação de múltiplos fatores e revelando a extensão entre abordagens distintas.

Na ONG Não Me Deixe Para Trás, por exemplo, foi adotada uma política contrária à prática da eutanásia, mesmo em casos de doenças infecciosas graves. Essa postura priorizou a preservação da vida dos animais, com foco no tratamento e cuidado individual, independentemente de considerações epidemiológicas ou utilitárias. Essa abordagem gerou debates entre os profissionais envolvidos, que precisaram lidar com o desafio de equilibrar a proteção da saúde coletiva com a preservação da vida individual.

Por outro lado, há veterinários que defenderam a eutanásia como uma medida necessária em situações extremas, argumentando que ela pode ser essencial para evitar a propagação de doenças em ambientes de alta densidade populacional, como os abrigos. Para esses profissionais, a decisão é fundamentada na proteção do bem-estar coletivo, considerando os riscos que a manutenção de animais infectados pode representar para outros animais.

Essas perspectivas contrastantes evidenciam a complexidade das decisões tomadas em cenários de emergência, onde diferentes valores e prioridades entram em tensão, exigindo ponderação cuidadosa e diálogo entre os envolvidos.

A tensão entre essas duas perspectivas reflete o que como biopolítica, ou seja, o exercício do poder sobre a vida e a morte em nome da segurança e do bem-estar da população (Foucault, 2008). Nesse caso, a decisão de priorizar a vida do animal, mesmo diante de condições adversas, desafia a lógica utilitarista que frequentemente orienta as práticas em contextos emergenciais.

Assim, ao abordar o tema da eutanásia diante de um evento climático extremo, é essencial considerar não apenas os aspectos técnicos e normativos, mas também as dinâmicas

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

políticas e sociais que moldam essas decisões. A análise dessas escolhas revela como as vidas são desigualmente protegidas e valorizadas, destacando a necessidade de políticas públicas e reflexões que transcendam a lógica utilitarista e promovam uma convivência mais equilibrada e solidária entre humanos e não humanos.

## **METODOLOGIA**

Este estudo fundamenta-se em uma prospecção de campo realizada em áreas afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul em 2024. A prospecção foi conduzida com o objetivo de compreender as dinâmicas de interação entre humanos e não humanos em situações de crise, sendo essa etapa essencial para a construção das análises e reflexões apresentadas neste artigo.

A metodologia adotada priorizou a imersão no contexto local, com foco na observação exploratória e na vivência direta das situações enfrentadas. Durante a prospecção, foram visitados locais estratégicos, como os abrigos, um zoológico e ONGs. Nessas visitas, foi possível observar de forma direta as interações interespecies, os desafios enfrentados por voluntários, veterinários e gestores, bem como as estratégias adotadas para o manejo de animais em um cenário de vulnerabilidade extrema.

Entretanto, apesar da diversidade de interlocutores, o dilema da eutanásia foi observado num abrigo de animais que, durante o período de prospecção de campo, esteve em processo de transição para se tornar uma ONG. Naquele momento, a ONG Não Me Deixe Para Trás, já contava com uma equipe integrada, composta por veterinários, outros profissionais e voluntários. Embora atualmente seja formalmente reconhecida como uma ONG, no período da pesquisa sua gestora ainda enfrentou desafios relacionados à busca por um novo local para resolver a organização. Isso porque o abrigo temporário, cedido inicialmente pela prefeitura, foi requisitado de volta.

Os relatos que fundamentam, de forma prática, os dilemas envolvidos neste estudo foram encontrados logo após o período de enchentes, quando os animais resgatados já se encontraram no abrigo. A prioridade, naquele contexto, era o tratamento e a doação dos animais resgatados.

Os interlocutores deste estudo são exclusivamente os membros da ONG "Não Me Deixe Para Trás", incluindo sua gestora, veterinários, voluntários e outros profissionais envolvidos no

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

manejo de animais resgatados durante e após as enchentes de 2024. Esses interlocutores foram observados durante o período de transição da organização, quando ainda operavam como um abrigo temporário. Os interlocutores serão citados de forma genérica, utilizando os termos "ONG Não Me Deixe Para Trás" ou "ONG", já o termo "veterinárias" quando os relatos forem referentes a profissionais da ONG, preservando a identidade de todos e destacando suas contribuições para os dilemas aplicados.

O recorte temporal deste estudo abrange o período posterior às enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, com foco nas semanas e meses seguintes, quando a ONG estava em transição de abrigo para organização formal. Territorialmente, a análise concentra-se nas atividades realizadas pela ONG em sua sede temporária, localizada próxima as áreas afetadas pelas enchentes.

Neste estudo, a eutanásia é compreendida como a prática de induzir a morte de um animal de forma assistida, geralmente em situações de sofrimento extremo e doenças contagiosas graves. No contexto das enchentes de 2024, a eutanásia emergiu como um dilema ético e prático, especialmente em abrigos temporários, onde a alta densidade de animais resgatados e a precariedade de recursos trouxeram essas decisões ainda mais desafiadoras.

O termo "crise climática" refere-se, neste estudo, às características naturais de grande intensidade e impacto, como as enchentes que ocorreram no Rio Grande do Sul em 2024. Esses eventos são caracterizados por sua capacidade de destruição significativa, afetando tanto as populações humanas quanto as não humanas, e por gerarem situações de vulnerabilidade extrema. No caso específico das enchentes de 2024, o evento extremo climático tornou-se um campo fértil para a análise das dinâmicas políticas, sociais e éticas que orientam as respostas humanas diante da vulnerabilidade dos animais resgatados.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

As enchentes no Rio Grande do Sul em 2024 expuseram não apenas os impactos imediatos do desastre, mas também a complexidade das decisões que emergem em situações de crise. Diante de condições extremas, como a alta densidade de animais resgatados e a precariedade de infraestrutura, surgiram dilemas que ultrapassaram o campo técnico, envolvendo escolhas que refletem as prioridades e limitações impostas pelo contexto.

Apoio:



Realização:



anppas



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Durante as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, a quantidade de animais resgatados foi significativa, evidenciando a alta densidade populacional nos abrigos temporários. Segundo o G1, mais de 12 mil animais, incluindo cães, gatos e filhotes, foram resgatados em meio à tragédia. Destacou-se o trabalho de voluntários, que enfrentam desafios como surtos de doenças infecciosas em abrigos e a necessidade de transporte para locais com melhores condições de cuidado (G1, 2024). Já o Um Só Planeta traz uma estimativa da Defesa Civil do Estado, que projetou o resgate de cerca de 20 mil animais, abrangendo desde pequenos animais domésticos até cavalos e vacas. A publicação também lançou uma parceria com o Grupo de Resposta a Animais em Desastres (GRAD) e a importância de um planejamento estruturado para lidar com o grande número de resgates em cenários de emergência (UM SÓ PLANETA, 2024).

A ausência de protocolos claros para situações de crise foi identificada como um dos principais desafios enfrentados pelos profissionais. As veterinárias relataram que, além das condições físicas dos animais, era necessário lidar com comportamentos alterados, como retração ou agressividade, frequentemente associados aos traumas vividos durante o desastre. Esses fatores não apenas dificultaram o manejo, mas também evidenciaram a necessidade de diretrizes específicas que considerem tanto os riscos epidemiológicos quanto as condições de vulnerabilidade emocional dos animais.

Os relatos das veterinárias destacaram que muitos animais apresentavam traumas severos, o que dificultava sua adaptação após o resgate. Em alguns casos, os animais demonstraram comportamentos como medo extremo de chuva e/ou tentativa de dormir em locais elevados, como os telhados das casinhas, reflexo das experiências vividas durante as enchentes. Além disso, em situações de emergência, quando a vida dos animais estava em risco, as veterinárias realizaram cirurgias no próprio abrigo, mesmo sem uma sala estéril adequada, pois o transporte até uma clínica poderia ser fatal. Essa prática, comparada pelas veterinárias a atendimentos em cenários de guerra, era uma tentativa de salvar vidas em condições adversárias. No entanto, as ações da ONG enfrentaram resistência por parte da prefeitura, que enviou agentes da Secretaria do Meio Ambiente para monitorar e limitar o número de animais resgatados.

Marcos Mattedi (2017) argumenta que os desastres naturais representam uma ruptura na rede sociotécnica que organiza uma sociedade, expondo as fragilidades das interações entre os elementos sociais e materiais que sustentam a normalidade. Essa ruptura não é apenas um

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

colapso técnico ou natural, mas um processo profundamente social, no qual as condições de vulnerabilidade pré-existent são amplificadas. No caso das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, essa desestabilização ficou evidente na precariedade dos abrigos temporários e na ausência de protocolos claros para o manejo de animais resgatados, revelando como uma rede sociotécnica falha em integrar humanos, animais e infraestrutura em situações de crise.

Os desastres não podem ser compreendidos como eventos isolados, mas como momentos que desnudam as desigualdades estruturais e as limitações das práticas de gestão (Mattedi, 2017). Assim, as enchentes de 2024 não apenas desorganizaram a rede sociotécnica, mas também evidenciaram a necessidade de compensar as estratégias de gestão de desastres, considerando as interações complexas e as vulnerabilidades que emergem nesses contextos.

As decisões em contextos complexos não podem ser reduzidas a fatores puramente técnicos e/ou centrado exclusivamente na humanidade, mas devem levar em conta as interações entre humanos, animais, infraestrutura e outros elementos que compõem a rede social e material (Latour, 2012). O desastre climático de 2024 no Rio Grande do Sul evidenciou a desestabilização da rede sociotécnica, trazendo à tona dilemas éticos e práticos que desafiaram as ações dos profissionais envolvidos. A eutanásia de animais resgatados, por exemplo, deixou de ser uma questão técnica simples para se tornar uma escolha que refletiu as limitações impostas por essa ruptura.

A prática da eutanásia em animais acometidos por doenças infectocontagiosas durante as enchentes de 2024, sob uma perspectiva utilitarista, muitos abrigos defendem essa medida como indispensável para mitigar riscos epidemiológicos em ambientes superlotados, onde as condições de higiene são insuficientes e o potencial de propagação de doenças é elevado. Nesse cenário, a eutanásia é frequentemente interpretada como uma estratégia de contenção que visa proteger a saúde coletiva. Essa abordagem, embora prática, reflete as definições estruturais enfrentadas em contextos emergenciais, onde a escassez de recursos e a urgência das decisões restringem as possibilidades de ação.

Ao tratar dos desastres, Mattedi aponta que eles desorganizaram as estruturas que conectam o social e o material, revelando vulnerabilidades e desigualdades que já existiam antes do evento (2017). No contexto das enchentes, a falta de infraestrutura adequada e a ausência de protocolos claros para o manejo de animais resgatados colocaram os profissionais diante de decisões extremas, como a eutanásia. Essa prática, longe de ser uma solução neutra, evidencia

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

como a rede sociotécnica falha em integrar as necessidades de humanos e não-humanos em situações de crise. Para o autor, os desastres não apenas desestabilizam o cotidiano, mas também expõem os limites das práticas de gestão e as tensões entre os diferentes atores envolvidos, tornando evidente que decisões como essas não podem ser evidenciadas de forma isolada.

Donna Haraway (1991) propõe uma ética do cuidado onde a interdependência entre espécies, especialmente em cenários de crise, onde a convivência exige soluções que ultrapassem as divisões tradicionais entre humanos e não humanos. Nesse sentido, o caso da ONG Não Me Deixe Para Trás exemplifica como decisões em contextos emergenciais são influenciadas por múltiplas variáveis, destacando a necessidade de políticas públicas e protocolos que orientem ações para mitigar os impactos sobre todas as formas de vida.

A ONG desenvolveu uma abordagem distinta, priorizando o tratamento de animais infectados com base em uma perspectiva que valoriza a vida animal em sua individualidade, defendendo que cada vida deve ser preservada independentemente das situações. Uma visão que contrasta diretamente com a perspectiva utilitarista, que fundamenta a prática da eutanásia em uma lógica coletiva, priorizando a contenção de riscos epidemiológicos e a saúde pública em detrimento da preservação individual. Essa postura evidencia uma alternativa às decisões pautadas exclusivamente em critérios utilitários, destacando a importância de considerar a singularidade de cada ser vivo mesmo em contextos emergenciais.

Ao relatar essa experiência, a ONG Não Me Deixe Para Trás demonstra que a discussão sobre a eutanásia em situações de desastre não se limita a uma dicotomia entre certo e errado, mas envolve uma análise mais ampla das condições, valores e possibilidades disponíveis.

Observa-se, no caso dos animais de companhia, como cães e gatos, que eles ocupam um lugar especial na vida humana, sendo frequentemente considerados membros da família. Essa proximidade é construída por meio de laços afetivos que transcendem a funcionalidade, estabelecendo uma relação de cuidado e interdependência. Para Haraway (1991), a convivência entre humanos e não-humanos em contextos domésticos desafia as divisões tradicionais entre as espécies, criando um espaço de coabitação onde o afeto e a responsabilidade mútua desempenham papéis centrais. Essa relação, no entanto, é testada em situações de crise, como as enchentes no Rio Grande do Sul, que expuseram tanto a força desses vínculos quanto suas fragilidades.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

De um lado, muitos tutores, ao perderem suas casas e enfrentarem condições de extrema vulnerabilidade, buscaram alternativas para garantir a segurança de seus animais, recorrendo a abrigos temporários ou improvisando soluções que permitissem manter os pets próximos. Essa postura reflete uma percepção crescente dos animais como membros integrais das famílias humanas, reforçando a necessidade de políticas públicas e estruturas de acolhimento que contemplem essa interdependência. Exemplos como o abrigo interespécies ilustraram essas iniciativas ao não apenas reconhecer, mas também atender a essa demanda, permitindo que tutores e animais permaneçam juntos durante situações de crise.

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul (2024), foram contabilizados 981 abrigos temporários distribuídos em 117 municípios. desses, apenas 207 eram destinados exclusivamente a humanos, representando 21,1% do total, enquanto 774 funcionavam como abrigos mistos, correspondendo a 78,9%. entre os abrigos interespécies, 462 áreas proibidas específicas para alojamento de animais, o que equivale a 47,1%, enquanto em 312 os espaços eram compartilhados entre humanos e não humanos.

Essa realidade complexa também foi refletida nos relatos das veterinárias, que destacaram os desafios e contradições enfrentados durante as enchentes de 2024. Enquanto algumas pessoas buscavam abrigos temporários para seus animais, com o compromisso de recuperá-los assim que conseguissem reconstruir suas casas, outras aproveitaram a situação para abandonar seus animais de estimação, alegando tê-los encontrados perdidos. De acordo com a ONG, muitos desses animais estavam microchipados, e os dados revelaram que os supostos "resgatadores" eram, na verdade, os próprios tutores. Além disso, uma das veterinárias que atuava no abrigo era da região e conhecia diversos tutores como seus clientes habituais. Apesar disso, devido à ausência de protocolos claros sobre como lidar com essas situações, a equipe decidiu acolher os animais, temendo que, caso fossem recusados, acabariam abandonados nas ruas.

A falta de protocolos claros e de uma destinação adequada para os animais resgatados, além de sobrecarregar as organizações de proteção animal, intensifica os dilemas éticos relacionados à eutanásia. Em momentos de crise, como as enchentes de 2024, essas decisões tornam-se ainda mais desafiadoras, exigindo a ponderação de múltiplos fatores e revelando a complexidade das escolhas em cenários de vulnerabilidade extrema.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo destacou a complexidade das decisões éticas e práticas relacionadas à eutanásia de animais de companhia em situações de emergência, como as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul. Inicialmente, observou-se que o contexto de vulnerabilidade extrema, marcado pela alta densidade de animais resgatados e pela precariedade de recursos, impôs desafios significativos aos profissionais e organizações envolvidas no manejo desses animais. A ausência de protocolos claros e a tensão entre diferentes perspectivas – como a preservação da vida individual e a proteção da saúde coletiva – evidenciaram a necessidade de reflexões mais amplas sobre as escolhas realizadas nesses cenários.

No decorrer da discussão, ficou evidente que a relação de animais não humanos e suas dinâmicas evidenciam que as decisões em contextos de crise não são homogêneas, considera-se a complexidade das relações interespecies em relação a humanidade e os diferentes valores atribuídos a cada tipo de animal não humano. A construção de respostas sejam elas consideradas, mais ou menos éticas, devem ser ponderadas para verificar a eficácia na implementação de políticas públicas que reconheçam suas especificidades e promovam uma gestão mais equitativa e informada.

## REFERÊNCIAS

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Desenvolvimento Social. Acompanhamento de abrigos para animais no Rio Grande do Sul. Online. Microsoft Power BI, jun. 2024.

Disponível em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDJjNTU5MmItMGVkNy00MmQwLTgwZTktM2Y3ZjA5YTNUMGYwIiwidCI6IjE1ZGNkOTA5LThkYzAtNDBlOS1hMWU1LWNIY2IwNTNjZGQxYSJ9>. Acesso em: 23 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

G1. Animais resgatados na enchente do RS despertaram a atenção e o carinho dos voluntários catarinenses . Jornal Nacional, 29 maio 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/29/animais-resgatados-na-enchente-do-rs-despertaram-a-atencao-eo-carinho-de-voluntarios-catarinenses.ghtml> . Acesso em: 03 jul. 2025.

HARAWAY, Donna J. Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature. 1. ed. Nova Iorque: Routledge, 1991.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

LATOURE, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. 1. ed. Salvador: Edufba, 2012.

MATTEDI, Marcos. Dilemas e perspectivas da abordagem sociológica dos desastres naturais. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP , 29(3), 261-285, 2017.

KEITH. Thomas, Homens e animais. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 110-169.

UM SÓ PLANETA. Resgate de animais em enchentes: garantir a segurança é primordial . 21 maio 2024. Disponível em:  
<https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2024/05/21/resgate-de-animais-em-enchentes-garantir-a-seguranca-e-primordial.ghtml> . Acesso em: 03 jul. 2025.

Apoio:



Realização:



anppas



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:

